Crítica // Contos paralelos ★★★

A espiã que sabia de menos

Com narrativa desdobrada em camadas, *Contos paralelos* traz um elenco estelar e raízes de Krzysztof Kieslowski no denso cinema do iraniano Asghar Farhadi

Ricardo Daehn

CAROLE BETHUEL



Adam Bessa e Virginie Efira em *Contos paralelos*

Não é apenas a fotografia de Guillaume Deffontaines ou a engenhosa edição de Hayedeh Safiyari que intrigam no novo filme do iraniano Asghar Farhadi. Acima de tudo, pesa a origem do longa, resultante da ampliação das intrigas colocadas pela dupla Krzysztof Kieslowski e Krzysztof Piesiewicz em um dos episódios da inesquecível série oitentista *Decálogo*. Impulsionada por elementos de voyeurismo e ainda de sentimentos não correspondidos, aquela obra rendeu, até mesmo para o diretor polonês (morto em 1996), a incursão em outro título de cinema batizada de *Não amarás* (1991).

Inspirado em literatura (particularmente em Georges Simenon, que convencionou nunca julgar a ética dos personagens, e é citado no filme de Asghar), *Contos paralelos* examina o teor da criação em cima da dinâmica adulterada para um grupo de profissionais do audiovisual, que passam a ser espionados por uma escritora chamada Sylvie (Isabelle Huppert); ela habitante de apartamento em frente do estúdio caseiro de som que reúne os personagens de Virginie Efira, Vincent Cassel e Pierre Ninney (de *O conde de Monte Cristo*).

O adultério, como em filmes anteriores do premiado Asghar Farhadi (dono de pérolas como *A separação*, *O apartamento*, *Um herói* e *Procurando Elly*), pesa bastante no novo filme, que obteve seleção para o Festival de Cannes. A distância, Sylvie, por meio da criação, relata o que poderia ser um desvirtuamento das "vidas monótonas e repetitivas" (como destaca uma personagem) dos outros. Ligações e afetuosidades são apenas insinuadas para ela que testemunha uma espécie de cinema mudo (já que não tem acesso aos sons do apartamento espionado). Em crise, a escritora recorre à editora (uma ponta de Catherine Deneuve), num crescente, descontente com o que ela produz. Recriar a vida dos outros parece pouco cativante.

Quem passa a intermediar versões e verdades dos tipos observados por Sylvie é Adam (Adam Bessa), acolhido no círculo da protagonista pela sobrinha desta. Espécie de cuidador da jovial idosa, Adam entrará no jogo, mas tornando o colaborativo processo ainda mais rico de imaginação (para a narrativa do cineasta Asghar Farhadi). As teias nos relacionamentos se multiplicam ainda mais, e há quem inveje e deseje tomar o lugar do outro na narrativa, que traz algo do ganhador do Oscar *A vida dos outros*, mas em escala mais doméstica que explora tópicos de lealdade, fraternidade e perdão.

A interferência num campo já irreal e adulterado pela imaginação de terceiros cria sobreposições perturbadoras no filme, mas ainda assim o longa parece carecer de maior sentido. Na trama, há apropriação de textos, personagens transtornados e interessante sentido nos sons captados no estúdio comandado pelo personagem de Cassel. No passado, Ashar Farhadi que comandou o uso de ilusão teatral em imponente filme vencedor do Oscar (*O apartamento*, de 20216) traz novamente este artifício mesclando literatura e recriação sonora em cinema sem lograr, entretanto, resultados tão perfeitos.

